

designar-se-ia como a arte nova, ignorada até de Prometeu, para anular o medo.<sup>1</sup> (pp. 485-486)

Em uma concepção de mundo habitada pela censura e a repressão, segundo a qual se controla com base na indução do temor e se sublima a via da dor e do sofrimento, o riso acaba sendo uma forma condenável de expressão ao omitir o caminho doloroso e punitivo.

Se o riso alude à repressão, minimizar seu valor seria a segunda linha de defesa, uma espécie de derivação da negação que retiraria valor daquilo que o cômico consegue evidenciar. Os elementos associados ao cômico terão então uma conotação de fealdade, banalidade ou ridículo. Aristóteles (trad. em 1974) dizia benevolmente que: “O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente”<sup>2</sup> (p. 142).

A comicidade não encontra valor em um mundo de ideais tecidos entre a razão estoica e o sofrimento católico; caberia perfeitamente dizer que o humor ou o chiste não são levados a sério por esse tipo de universo.

O cômico nos oferece uma lente da realidade que não reflete o que o narcisismo do espelho plano anseia; um cômico dá um olhar através de uma lente curva (côncava ou convexa) que perturba as formas originais da realidade. Isso implica uma configuração desmensurada ou exagerada; na comédia, isso é um signo. A lente curva que o cômico nos em presta para ver a realidade poderia nos deixar frente a dimensões grotescas, monstruosas, satíricas. O cômico não teria lugar no conforto; se algo é conforme, não provoca riso.

Não obstante, a deformação também poderia gerar horror. Há uma deformação que ao fazer sentido, provoca riso, enquanto que

se a deformação não consegue ser contida por uma forma de expressão que abrigue um sentido, nos deixará frente ao horror. Este aca-salamento do humor e do horror poderia nos levar a um terreno comum: a angústia.

Do ponto de vista da técnica analítica, o humor seria uma forma de apaziguar os conteúdos psíquicos que em sua origem produziram angústia. Não é à toa que Freud (1928/1988) pensava o humor como uma ação benevolente do superego frente ao ego: “[O humor] transmite: ‘Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria.’”<sup>3</sup> (p. 162).

O riso permite que a agressão dilua seu efeito mortífero; se não existisse, o afeto destrutivo da agressão nos deixaria em um estado de amargura permanente. A emergência do riso é a significação de uma economia de energia psíquica que pelo caminho da via dolorosa da angústia ou do sofrimento não faz outra coisa senão uma perpetuação masoquista de uma mesmidade repetitiva.

O humor no interior do tratamento analítico poderia ser o indício de uma mudança de sentido, de uma transformação do conteúdo inconsciente. O pranto do sofrimento pareceria mostrar uma manifestação dolorosa de algo que continua estando aí sem possibilidade de transformação.

## Referências

- Aristóteles (trad. em 1974). *Poética*. Madri: Gredos. (Obra original del siglo IV a. C.).
- Eco, H. (1984). *El nombre de la rosa*. Bogotá: Círculo de Lectores. (Trabalho original publicado em 1980).
- Freud, S. (1988). El humor. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1928).

1. N. do T.: Tradução de M.C. Pinto. A tradução desta citação corresponde à página 385 de: Eco, U. (2001). Em M.C. Pinto (trad.), *O nome da rosa*. Miraflores: Difusão Editorial. Versão eletrônica recuperada em <https://cdn.culturagenial.com/arquivos/o-nome-da-rosa.pdf> (Obra original publicado em 1980).

2. N. do T.: Tradução de E. de Souza. A tradução desta citação corresponde à página 245 de Aristóteles. (1984) *Poética*. Em E. de Souza (trad.), *Aristóteles* (pp. 237 – 268). São Paulo: Abril. (Obra original do século IV a. C.).

3. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 102 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 99 - 103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>

Agustina Fernández\*

## Humor na análise

*Ademais, nem todas as pessoas são capazes da atitude humorística. Trata-se de um dom raro e precioso, e muitas sequer dispõem da capacidade de fruir o prazer humorístico que lhes é apresentado...*<sup>1</sup>

Freud, 1927

Freud adverte: a possibilidade do humor não é para todos. É preciso certa plasticidade subjetiva para suportar o *como se* que desmente um pedaço de realidade – ainda que seja por um momento – e habilita o triunfo do prazer.

Numerosos trabalhos no campo da psicanálise se dedicaram a estudar a trama comum, as delimitações e, fundamentalmente, as diferenças do cômico, do chiste e do humor (Freud, 1905/1990b; Lacan, 1958/2016; Yampey, 1980; Abadi, 1982; Alizade, 1983; De Soldati, 2017). Enfocaremos aqui o humor na clínica, ato psíquico que afasta o sujeito da alienação que tinha no sintoma, o aproxima da verdade e o pacifica.

A chave se situa nesse nó entre o humor e o sério. Desencadear-se por um momento da realidade, não a levar tão a sério para que o humor tenha oportunidade de surgir. Frente ao perigo ou à culpa, esse mágico “não é sério do humor” é liberador (Abadi, 1982).

A *atitude humorística* (Freud, 1927/1990c) implica uma posição subjetiva frente à vida – e à morte –, de certa leviandade, liberdade, criatividade. O narcisismo situa o sujeito no centro da cena, economiza-lhe sentimentos dolorosos e eleva o ganho de prazer. Nos termos da segunda tópica, o Ego se apresenta sedutor, inclusive provocador, e o Superego habilita o recreio, dá permissão. O Superego, herdeiro das instâncias parentais e das identificações do complexo de Édipo, trata o Ego como os progenitores tratavam à criança, concede-lhe o lugar de *his Majesty, the baby* ante quem cessam “as leis da natureza e da sociedade”<sup>2</sup> (Freud, 1914/1990d, p. 88). Essa versão benévola do Superego, pacificante, se situa na linha identificatória com o pai enquanto simbólico (Lacan, 1957/1996). Habilita o sujeito, relativiza certezas e releva o desejo de culpa.

Nem todos os homens são capazes de prazer humorístico. Para alguns, a vida é tão séria que não lhes está permitido rir. Rir do drama seria caçoar da desgraça (Freud, 1917 [1915]/1990a). No que se refere às “investiduras do Superego”, por sua rigidez e severidade, não se conciliam bem com o humor, a neuro-

\* Asociación Psicoanalítica Argentina.

1. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 102 - 103 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21, pp. 99 - 103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>

2. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 57 de: Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 46 - 64). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-14-1914-1916.pdf>

se obsessiva, a paranoia (Campalans Pereda, 1994) e, acrescentaríamos, a melancolia.

Até aqui, os benefícios, quase uma propaganda: *leve a vida com humor*. Impõe-se advertir: nem tudo é humor. A colocação da libido no Ego gera “proteção contra o adoecer”<sup>3</sup> (Freud, 1914/1990d, p. 82), enquanto não ultrapasse certa medida. A saúde se assenta em

do disparate, o humor se avizinha à verdade com o artifício de velá-la. Encontrar, produzir ali um saber, exige uma leitura (Couso, 1991). Como outras transações de compromisso –o sonho, o ato falho–, o humor tem estrutura de ficção, mostra um aspecto defensivo e outro no qual se abre no caminho ao desejo, sem pagar com o sofrimento que implica o sintoma



uma lógica de não-excessos. Desprender-se por completo do princípio de realidade precipitaria a mania. É necessário que essa posição subjetiva opositora ante o ímpeto do Real se concilie com a castração. O triunfo do narcisismo, o Ego insubmisso, são situações fugazes, momentos maníacos passageiros. Logo, o mundo real continua atormentando.

A seu modo, à beira do dizer, no paradoxal

(Campalans Pereda, 1994).

Que lugar tem na clínica este “dom precioso e raro” com o que não contam todos os homens?

A engenheira estava há tempos em análise, as sessões eram organizadas, solenes; seu tom emocional, dramático. Não tinha aceito deitar-se no divã por ter “a necessidade de ver o rosto da analista”: Vigia-la? Suas noites eram uma tortura de insônia e seus dias um pesa-

delo de cansaço. No transcorrer das associações livres se filtra um tom diferente: “Incendiou-se minha lampadinha”, e um riso suave a surpreende. “É literal! Deixei uma luz ligada e pude dormir. Já nem o cachorro suporta dormir comigo”. Ri com vontade.

O dermatologista era um homem gentil, organizado, quase asséptico. Padecia terrivelmente pela negligência dos outros, os ruídos, os lugares com muita gente. Era atormentado por fortes enxaquecas. Chega à sessão vestido de forma diferente e relata o passeio com sua sobrinha: “ Não sei o que pensei quando lhe comprei o sorvete. Com três anos, que outra coisa iria fazer? O sorvete inteiro terminou em minha gravata e no meio de minha camisa branca. Fiquei surpreso comigo mesmo. Em lugar de matá-la, eu ri”. Mostra uma camiseta emprestada: “Tenho um *look* novo”.

O humor é um recurso que possibilita operar com o desvalimento e o sofrimento, faz entrar o traumático no registro do princípio do prazer (Couso, 1991). Fazer a vida mais leve, se desprender dessa solenidade que não dá paz, atenuar a crueldade do Superego em favor do ganho do prazer se contam entre as conquistas da análise.

O humor que surge no paciente, segundo Yampey (1983), evidencia não só uma mudança no estado anímico, mas na estrutura. Implica uma disposição a auto observar-se que favorece a independência e possibilita a elaboração, graças ao domínio da cena e a capacidade de fantasiar (Yampey, 1980).

Se o humor implica uma mudança de posição subjetiva do paciente frente ao padecimento, uma reconciliação com os infortúnios da vida, um reconhecimento de limites, outra localização em relação ao saber e à verdade, então, sim, tem valor a proposta de levar a sério o humor na clínica psicanalítica.

A função do analista não é a de contar chistes –ainda quando o faça e tenha efeitos–, também não a de rir do padecimento. O analista é sensível ao humor para recebê-lo em

seu tempo, presta-se como um companheiro de brincadeira da atitude humorística do paciente. Ali se abre uma passagem do padecimento para o humor, e uma transmissão se realiza em ato: *o humor fica habilitado*.

## Referências

- Abadi, M. (1982). Teoría del chiste: Algunas precisiones. *Revista de Psicoanálisis*, 39(5), 707-720.
- Alizade, A. (1983). El chiste y su escena. *Revista de Psicoanálisis*, 40(56), 1199-1210.
- Campalans Pereda, L. (1994). Sobre el humor. *Revista de Psicoanálisis*, 51(12), 75-86.
- Couso, O. (29 de outubro de 1991). *Humor y psicoanálisis*. Palestra apresentada no Centro de Extensión Psicoanalítica, Escuela Freudiana de Buenos Aires, Buenos Aires.
- Freud, S. (1990a). Duelo y melancolía. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 235-256). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917 [1915]).
- Freud, S. (1990b). El chiste y su relación con lo inconsciente. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 8). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1990c). El humor. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 153-162). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1990d) Introducción al narcisismo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 65-98). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).
- Lacan, J. (1996). *El seminario de Jacques, libro 4: La relación de objeto*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1957).
- Lacan, J. (2016). *El seminario de Jacques, libro 5: Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1958).
- Soldati de, M. (2017). *Lo cómico, el chiste y el humor*. (Inédito).
- Szabó, D. (s. f.). *Humor y psicoanálisis: Un asunto serio*. Disponível em: <https://www.apuruguay.org/sites/default/files/el-humor-szabo.pdf>
- Yampey, N. (1980). Notas psicoanalíticas sobre el humor y la creatividad. *Revista de Psicoanálisis*, 37(1), 133-146.
- Yampey, N. (1983). Acerca del humor y el insight. *Revista de Psicoanálisis*, 40(56), 1173-1181.

3. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 53 de: Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 46 - 64). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927.). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-14-1914-1916.pdf>

4. "Tenho dificuldade em terminar as coisas".